



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PATRICIA ELIAS CALIXTO

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE-PB: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

CAMPINA GRANDE - PB

2023

PATRICIA ELIAS CALIXTO

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE-PB: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valdecy Margarida da Silva.

CAMPINA GRANDE - PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C154p Calixto, Patricia Elias.

Processos de alfabetização e letramento em uma escola da rede municipal de ensino de Campina Grande - PB [manuscrito] : um relato de experiência na residência pedagógica / Patricia Elias Calixto. - 2023.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Alfabetização. 2. Educação. 3. Letramento. 4. Residência pedagógica. I. Título

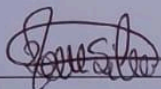
21. ed. CDD 372..6

**PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA
DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE-PB: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

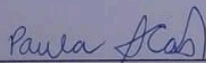
Aprovado em: 30/11/2023

BANCA EXAMINADORA



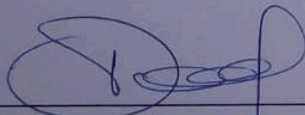
Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva - (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Paula Almeida de Castro - (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Diêgo de Lima Santos Silva - (Examinador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, a minha família por todo apoio e
confiança que nutriram em mim, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me permitido chegar até aqui, por ter caminhado e lutado comigo as mais duras batalhas que surgiram durante toda minha vida pessoal e acadêmica, me tornando mais forte ao final de cada uma delas, és minha vida, e tudo que há em mim é graças a você.

A minha família, pelo apoio e torcida, por acreditar que eu iria conseguir conquistar aquilo que tanto almejava, que era entrar em uma universidade pública e ter a minha tão sonhada formação profissional. Vocês são minhas maiores inspirações, e dedico a vocês que estiveram comigo em meu coração e mente durante todo caminho árduo, mas recompensador que percorri. Este trabalho de conclusão também é dedicado a cada um de vocês.

Agradeço aos meus sogros pelas orações incessantes. Ao meu noivo, Matheus Gomes, pela paciência, incentivo e carinho para comigo, se fazendo presente de forma tão especial e necessária que não tenho palavras para descrever. Agradeço por ter acreditado em mim quando nem eu mesmo acreditava, pelas orações, pela preocupação comigo. Amo-te e agradeço a Deus pela sua vida em minha vida.

Agradeço de coração a minha orientadora Dra. Valdecy Margarida pelo apoio, compreensão e incentivo, por todos os conhecimentos que me proporcionou ter, por trazer alegria e descontração associado ao conhecimento verdadeiro e reflexivo em sua atuação. És exemplo para mim de ser humano e profissional.

A banca examinadora na pessoa da Prof^a Dr^a Paula Almeida de Castro e do Prof. Esp. Diêgo de Lima Santos Silva por apoiarem esse trabalho fazendo parte deste momento tão especial para mim. Agradeço.

Por fim, meus agradecimentos mais sinceros à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me proporcionou uma das experiências mais importantes para minha vida acadêmica, pessoal e profissional, tudo o que vivenciei e experienciei só me trouxeram crescimento e aprendizado no Programa de Residência Pedagógica, a Prof^a Paula Castro e a Prof^a Elisabete Carlos do Vale que coordenaram e orientaram o Programa na UEPB e na escola Rivanildo Sandro Arcoverde na qual fui residente desde outubro de 2022.

A todos e a todas, muito obrigada!

“O educador se eterniza em cada ser que educa.”

Paulo Freire

PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE-PB: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Patricia Elias Calixto

RESUMO

Este estudo aborda os processos de alfabetização e letramento na Rede Municipal de Ensino de Campina Grande, Paraíba, com foco especial na vivência durante a vigência do Programa de Residência Pedagógica. O objetivo geral deste relato é descrever e analisar a experiência vivenciada relacionada aos processos de alfabetização e letramento em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental no Programa de Residência Pedagógica (PRP) - Licenciatura em Pedagogia UEPB/Campus I. Objetivou-se também conceituar a alfabetização e o letramento para melhor compreender esses processos e relatar as ações de intervenção desenvolvidas para alfabetizar e letrar no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da rede municipal de ensino de Campina Grande/PB. Buscando compreender os objetivos propostos, metodologicamente, trata-se de um relato de experiência, que pode ser definido como uma narração minuciosa de fatos vivenciados e experienciados pelo relatante no campo em que atuou e realizou as devidas observações, reflexões e intervenções. O ambiente escolar revelou-se desafiador para educadores e aprendizes. Nesse sentido, a Residência Pedagógica emerge como um ponto de inflexão crucial, proporcionando uma imersão profunda nas práticas cotidianas das salas de aula. A coleta de dados foi realizada através das observações e registros das práticas que vivenciamos e desenvolvemos e os fundamentos teóricos do trabalho estão pautados nas pesquisas desenvolvidas por Soares (2016); Ramos (2010); Ferreira (1999); Vóvio *et al.* (2010); Leal *et al.* (2010); Libâneo (1994), Kleiman (1995); Paulo Freire (1989) e etc. É importante ressaltar que a alfabetização e o letramento são dois fatores necessários para o processo de ensino/aprendizagem dos alunos, e que as atividades desenvolvidas foram pensadas dentro dessa concepção visando o pleno desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos nos anos Iniciais do Ensino Fundamental ao qual estávamos em regência.

Palavras-chave: Alfabetização; Educação; Letramento; Residência Pedagógica.

ABSTRACT

This study addresses the literacy and literacy processes in the Municipal Education Network of Campina Grande, Paraíba, with a special focus on the experience during the Pedagogical Residency Program. The general objective of this report is to describe and analyze the experience related to the literacy and literacy processes in a 1st year class of Elementary School in the Pedagogical Residency Program (PRP) - Degree in Pedagogy UEPB/Campus I. It also aimed to conceptualize literacy and literacy to better understand these processes and report the intervention actions developed to teach literacy in the 1st year of Elementary School at a public school in the municipal education network of Campina Grande/PB. Seeking to understand the proposed objectives, methodologically, this is an experience report, which can be defined as a detailed narration of facts lived and experienced by the reporter in the field in which he worked and carried out the necessary observations, reflections and interventions. The school environment proved to be challenging for educators and learners. In this sense, the Pedagogical Residency emerges as a crucial inflection point, providing a deep immersion in everyday classroom practices. Data collection was carried out through observations and records of the practices we experienced and developed and the theoretical foundations of the work are based on research developed by Soares (2016); Ramos (2010); Ferreiro (1999); Vóvio et al. (2010); Leal et al. (2010); Libâneo (1994), Kleiman (1995); Paulo Freire (1989) and so on. It is important to highlight that literacy and literacy are two necessary factors for the students' teaching/learning process, and that the activities developed were designed within this conception aiming at the full development of students' reading and writing skills in the initial years of education. Fundamental to which we were in regency.

Keywords: Literacy; Education; Literacy; Pedagogical Residency.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Encontro de formação com a Dr ^a Valdecy Margarida	26
Figura 2 - Encontro de formação com o Mestrando Valdeir Silva.....	28
Figura 3 - Encontro de planejamento	29
Figura 4 - Atividade ditado das vogais	31
Figura 5 - Identidade da criança e seu pertencimento.....	32
Figura 6 - Contação da história “Romeu e Julieta”.....	33
Figura 7 - Confeção da árvore da amizade	33
Figura 8 - Leitura da parlenda "A casinha da vovó" , trabalhando a família silábica do “C” e ditado recortado	34
Figura 9 - Partes do corpo, membros superiores e inferiores, curvatura corporal de um dos alunos	35
Figura 10 - Projeto “Alimentação saudável”.....	36
Figura 11 - confecção de um livreto com atividades realizadas referentes às festividades juninas	37
Figura 12 - Atividade lúdica “Sorveteria da adição”	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A FORMAÇÃO DOCENTE, OS ESTÁGIOS E O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP).....	11
2.1 O Programa de Residência Pedagógica e a Formação de Professores.....	12
3 BREVE HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO.....	16
3.1 Contexto Histórico da Alfabetização no Brasil.....	16
3.2 Os métodos de ensino.....	17
3.3 Origem do termo letramento e sua indissociabilidade da alfabetização.....	21
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
5.1 Formação e Planejamento.....	27
5.2 Regência na escola campo da pesquisa.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a mergulhar nos processos de alfabetização e letramento que são pilares primordiais no desenvolvimento educacional de crianças no ambiente escolar e para além dele, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, e relatar as ações desenvolvidas durante o período de regência em uma escola pública de Campina Grande/PB.

O trabalho em questão se trata de um relato de experiência das vivências ocorridas na Escola Municipal Rivanildo Sandro Arcoverde por intermédio do Programa de Residência Pedagógica criado em março de 2018 pelo Ministério da Educação (MEC), e descrito no edital de nº 06/2018/CAPES, sendo um dos programas de ações que integram a política de formação de professores e objetiva a formação prática nos cursos de licenciatura, possibilitando o diálogo entre a teoria explorada na graduação e a prática nas escolas.

Este trabalho buscou descrever e analisar a experiência vivenciada relacionada aos processos de alfabetização e letramento em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental no Programa de Residência Pedagógica (PRP) - Licenciatura em Pedagogia UEPB/Campus I). Mais especificamente, objetivou-se conceituar a alfabetização e o letramento para melhor compreender esses processos e relatar as ações de intervenção desenvolvidas para alfabetizar e letrar crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um relato de experiência que pode ser definido como uma narração mais minuciosa de fatos vivenciados e experienciados pelo relatante no campo em que atuou e realizou as devidas observações, reflexões e intervenções.

O relato em questão traz uma abordagem qualitativa de base descritiva e exploratória, fundamentada nas observações que podemos considerar como parte essencial dessa pesquisa, visto que, enquanto pesquisadores, estamos em contato direto com o campo da pesquisa e o objeto a ser pesquisado. A coleta de dados foi realizada através das observações e registros das práticas que desenvolvemos em sala de aula. A revisão bibliográfica aborda os estudos de Soares (2016); Ramos (2010); Ferreira (1999); Vóvio *et al.* (2010); Leal *et al.* (2010); Kleiman (1995); Paulo Freire (1989) entre outros.

Este trabalho monográfico está estruturado em seis capítulos que abordam distintos aspectos da formação docente, estágios e das práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas no Programa de Residência Pedagógica (PRP). O primeiro capítulo é a introdução. O segundo capítulo explora a interseção entre a formação de professores, os estágios educacionais e o papel crucial do PRP na preparação dos futuros educadores.

O terceiro capítulo examina um breve contexto histórico da alfabetização no Brasil, incluindo os métodos de ensino que moldaram essa trajetória, e investiga a origem do termo letramento e sua indissociabilidade da alfabetização. No quarto capítulo, "Metodologia da Pesquisa," são detalhados os métodos e procedimentos adotados para realizar a investigação.

O quinto capítulo, "Resultados e Discussões", divide-se em duas seções: "Formação e Planejamento", que explora aspectos relevantes relacionados aos encontros de capacitação e planejamento dos residentes para atuar na regência com as devidas intervenções, e "Regência na Escola Campo da Pesquisa," que destaca ações práticas desenvolvidas no processo de aquisição da leitura e escrita dos alunos na escola a qual foi destinado. Por fim, o sexto capítulo, "Considerações Finais," sintetiza os principais achados do estudo, discute suas implicações e aponta possíveis direções para futuras pesquisas no campo da formação docente e práticas pedagógicas.

2. A FORMAÇÃO DOCENTE, OS ESTÁGIOS E O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP)

Vóvio et al. (2010) afirma que desde a década de 1990 movimentos têm sido observados em diferentes países, se fazendo presente inclusive no Brasil, enfatizando a importância da formação e da profissionalização de professores, se tornando assuntos e principais destaques até mesmo nos discursos de muitos estudiosos e políticos nacionais.

Em sua essência, a formação docente busca a capacitação do professor para atuar com melhoria, eficiência e qualidade em suas práticas educativas, com metodologias inovadoras de ensino, gerando significados e agregando ainda mais ao processo de ensino/aprendizagem do alunado. A formação, também, possibilita atuar com caráter mediador e facilitador do conhecimento, aperfeiçoando ainda mais suas habilidades pedagógicas. Pois, como bem explicita Saviani (apud Silva, 2020):

[...] professores altamente qualificados e fortemente motivados no exercício de sua atividade profissional, a qualidade do trabalho pedagógico necessariamente se elevará. E estará resolvido o problema da qualidade da educação, tão debatido nos dias atuais (Saviani, 2011 apud Silva, 2020, p. 12).

O Plano Nacional de Educação - PNE, na Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014 a 2024, prevê que seja assegurado “a melhoria da qualidade da educação e a valorização dos (as) profissionais da educação”, trazendo as seguintes metas que estão diretamente voltadas à garantia de: formação de professores (meta 15), formação continuada e pós-graduação dos docentes (meta 16), além da valorização dos profissionais já citado (meta 17), traz também (meta 18) o plano de carreira docente (Brasil, 2014).

Com as qualificações adequadas, os educadores em formação se tornarão capazes de combinar teoria e prática em uma unicidade, refletindo suas futuras ações e fundamentando-as para um fazer pedagógico produtivo, transformador de pessoas e de mundo, mas para isso, é fundamental que haja valorização e melhorias nas condições de trabalho e salário, visando tanto a qualidade da educação, quanto a integridade e a qualidade de vida desses profissionais.

É nítido o quanto as políticas públicas ainda precisam evoluir para garantir melhores condições aos profissionais da educação, pois a baixa remuneração e a desvalorização da profissão, assim como as inseguranças no ambiente de trabalho tornam difíceis a atuação e permanência dos mesmos na docência.

Nesse sentido, uma educação de qualidade não depende apenas do professor, mas dos investimentos e colaboração das autoridades competentes, União, sociedade, estados e municípios atuando de modo a fazer com que a educação verdadeiramente aconteça em sua plenitude. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de Nº 9.394/96:

A formação de docentes, para atuar na educação básica, far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério da educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (Brasil, 1996).

No que diz respeito à formação inicial para a docência no ensino básico, a LDB defende que deve ser ofertada em cursos de nível médio e superior, pois, é por intermédio do conhecimento prático, observado e vivenciado nos estágios supervisionados que os futuros professores poderão conhecer a realidade da escola, dos alunos, rotinas, planejamentos, práticas de outros professores, uma oportunidade rica que agregará aos conhecimentos teóricos que possuem e que foram adquiridos durante todo seu percurso acadêmico na universidade.

O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer _algo ‘ou _ação ‘. A profissão de professor também é prática. E, o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da re-elaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons. (Pimenta; Lima, 2006, p. 3).

O estágio é a prática educativa supervisionada no ambiente escolar que visa a preparação do estudante de graduação para atuar na educação básica, adquirindo conhecimento prático e habilidades necessárias para o seu futuro fazer docente. Dado isso, percebe-se tamanha importância do estágio supervisionado, pois é primeiramente com a observação das práticas de ensino que surgem a reflexão, assimilação, imitação, e futuramente, a reprodução das mesmas pelos estagiários.

Dentro do estágio supervisionado, a teoria é o que problematiza e esclarece questões sobre a prática, dando norte para sua efetivação. Portanto, precisa haver articulação entre o teórico e o prático, entre a ação e reflexão para que verdadeiramente o ser professor aconteça.

2.1 O Programa de Residência Pedagógica e a Formação de Professores

Pensar em formação docente é pensar e refletir sobre o quão importante é que tanto a escola pública quanto às Instituições de Ensino Superior (IES) se mantenham em parceria e comunicação direta, pois é nessas parcerias que o Programa Institucional de Bolsa de

Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Residência Pedagógica (PRP), geridos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), atuam como condutores e facilitadores dos conhecimentos teórico-práticos pelo aluno da graduação nas escolas que ofertam o ensino básico, ambiente educacional de suas futuras práticas como profissional da educação.

O termo “residência” se configura como lugar de habitação, morada em que se pode permanecer por determinado período de tempo, marcando a vida do sujeito por meio de experiências, a partir das quais ele compõe e constrói sua identidade. Já o termo “pedagógica” está voltado ao didático/educativo, ao ensinar como um modo de entender e lidar com a educação, do processo de ensino e aprendizagem.

A presença da ideia de uma residência na formação docente denota, assim, a preocupação em se promover uma espécie de formação prática para os (futuros) professores, possibilitando a eles vivenciar processos formativos diretamente vinculados aos contextos escolares reais em que atuam (ou atuarão) (Faria; Pereira, 2019, p. 344).

Criado em março de 2018 pelo Ministério da Educação (MEC), e descrito no edital de nº 06/2018/CAPES, o Programa de Residência Pedagógica é um dos programas de ações que integram a política de formação de professores, objetivando a formação prática nos cursos de licenciatura, possibilitando o diálogo entre a teoria explorada na graduação e a prática nas escolas. Baseando-se na residência médica, o Programa se diferencia no sentido de que acontece à medida em que a formação dos graduandos, enquanto futuros docentes, ocorre (Faria; Pereira, 2019).

O PRP atua fazendo a junção da formação inicial à formação continuada, tendo por norma a ser seguida a imersão, fazendo com que os residentes experienciem na prática o fazer docente. A Residência Pedagógica é composta por três eixos principais: residentes (graduandos de licenciatura com mais da metade de seu curso concluído), preceptores (professores atuantes no ensino básico), e professores orientadores (que são os docentes das universidades).

O PRP tem duração de 440 (quatrocentas e quarenta) horas no total, em um período de 18 meses consecutivos. É um trabalho desenvolvido de natureza coletiva, sistematizado e com tempo determinado para início e fim das atividades a serem desenvolvidas. Nesse período, dividido por etapas, temos: formação (capacitação teórica pelo professor orientador para o tempo de atuação prática); planejamentos (para as intervenções pedagógicas com o auxílio e mediação do preceptor); e regência (atuação prática). A regência na residência pedagógica é descrita como:

Um período em que os alunos têm a oportunidade de aprender mais sobre o contexto em que ocorre a docência, identificando e reconhecendo aspectos da cultura escolar; acompanhando e analisando os processos de aprendizagem pelos quais passam os alunos e levantando características da organização do trabalho pedagógico do professor formador e da escola (Silvestre; Valente, 2014, p. 46).

A Residência Pedagógica em si é um Programa de extrema relevância para os licenciandos de graduação, assim como para os futuros pedagogos, porque traz em seu cerne a experiência prática do observar, planejar e executar o trabalho educacional no campo ao qual o residente é designado, junto ao preceptor que fornece conhecimentos e experiências vastas auxiliando-o e enriquecendo o seu processo de formação.

Os desafios enfrentados pela educação pública, especialmente nas escolas, são bastante comuns, por isso se faz necessário um olhar sensível por parte dos educadores atuantes e dos futuros pedagogos, observando não apenas os desafios, mas também as possibilidades para se reinventarem e significarem com inovações a sua prática docente, transformando os desafios em crescimento e motivação na busca constante para superá-los.

Os profissionais da educação, principalmente pedagogos, e os pedagogos em formação (como os residentes que atuam na RP) têm a responsabilidade de buscarem o desenvolvimento de seus alunos por meio de práticas que, além de ofertarem os conteúdos obrigatórios, incluam também consciência crítica, afetividade, cognição, desenvolvimento tanto pessoal, quanto social, mediando no processo de formação e aquisição das aprendizagens.

O Programa em questão dá norte à temática da alfabetização e do letramento, no desenvolvimento de competências e habilidades a serem desenvolvidas, atreladas e orientadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ações pedagógicas que são voltadas ao alfabetizar e letrar, visando:

Garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (Brasil, 2017, p. 57).

O Programa de Residência Pedagógica (PRP), enquanto subprojeto do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), objetiva aprimorar e contribuir com a formação inicial dos estudantes da graduação, possibilitando sua imersão/contato direto na rede pública de ensino.

O estudante de graduação só está apto a participar do programa a partir do 5º período, ou seja, da metade do curso em diante. Após 50% de conclusão da graduação em pedagogia, surgiu a oportunidade de ingressar no Programa como bolsista. O processo seletivo se deu por

intermédio de entrevista, nas quais algumas discentes foram escolhidas como bolsistas, assim como também tiveram as que se disponibilizaram a participar como voluntárias. Iniciado em outubro de 2022, o Programa nos permitiu atuar e experienciar a prática em sala de aula, aproximando-nos da realidade educacional, nos preparando para os desafios em nossas futuras práticas como profissionais da educação.

Devido o PRP estar voltado à alfabetização e ao letramento, pudemos refletir, e repensar o como se dá esse processo de aquisição da leitura e escrita na turma de 1º ano do Ensino Fundamental da escola Municipal de Ensino Fundamental Rivanildo Sandro Arcoverde na cidade de Campina Grande - PB, buscando por estratégias de ensino que facilitassem a aprendizagem dos educandos com atividades contextualizadas, com diferentes abordagens metodológicas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e aos saberes prévios dos alunos, em junção aos saberes científicos, visando avanços na aprendizagem e nos diagnósticos realizados a cada bimestre.

Ao todo somos 6 (seis) residentes bolsistas na escola em questão, divididos em 2 (dois) grupos de 3 (três) residentes. Também tem a preceptora que é responsável por nos auxiliar e é quem se reúne juntamente conosco para realização dos planejamentos semanais. Os dias dos encontros de regência são decididos durante o planejamento semanal para que todas possam ter o domínio de todas as matérias estudadas em sala de aula;

As intervenções por meio das regências na residência pedagógica procuraram atender às necessidades de aprendizagem dos alunos, principalmente no processo de aquisição da leitura e escrita, na busca por desenvolver neles conhecimentos referentes aos diferentes letramentos, nas habilidades de escrita, leitura, audição e fala, voltadas ao protagonismo dos alunos com atividades pedagógicas que facilitassem o acesso à participação ativa e desenvolvimento de novos conhecimentos e competências.

3. BREVE HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

3.1 Contexto Histórico da Alfabetização no Brasil

A alfabetização é um processo necessário e de fundamental importância ao desenvolvimento pleno do ser humano, sendo ela a grande responsável por fazer com que se aprenda o uso da leitura e escrita no ambiente escolar e para além dele. Para Soares (2003), alfabetizar significa:

Adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler). A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler) (Soares, 2003, p. 15).

Alfabetizar é desenvolver nos alunos conhecimentos numéricos, ortográficos, e alfabéticos, como juntar letras formando sílabas, palavras e textos, associada ao letramento. Tem a função de também possibilitar autonomia aos sujeitos para atuarem com consciência, compreendendo o que está a escrever e a ler, refletindo suas ações. Diante disso, a alfabetização em seu processo histórico no Brasil passou por muitas transformações e mudanças complexas ao longo dos anos.

Com o período colonial e a chegada dos padres jesuítas, por volta de 1549, trazendo consigo um ensino voltado principalmente para os interesses do clero e as ambições políticas da metrópole, o alfabetizar era utilizado para transmitir os dogmas da igreja aos indígenas e filhos de colonos, com um modelo de ensino fundamentado na crença religiosa, a fim de que o número de fiéis aumentasse cada vez mais.

Neste mesmo ano ocorreu a criação da primeira escola do Brasil, que foi aos poucos se espalhando por muitas partes do país, escola essa direcionada à leitura e à escrita, porém, como bem esclarece Oliveira (2005), apesar de os jesuítas tencionarem a instrução e catequização dos indígenas, a realidade era outra. Aos indígenas apenas a catequização, e as verdadeiras instruções e ensinamentos eram oferecidos aos filhos dos colonizadores e aos que estavam iniciando no sacerdócio.

Segundo Ramos (2010), um currículo foi pensado e proposto pelos Jesuítas com um método inovador de alfabetizar pautados na gramática, matemática, teologia, etc., por meio de observações que realizaram no dia a dia dos indígenas. A metodologia utilizada por eles envolvia a ludicidade, peças teatrais e musicalização para ensinar sobretudo a língua portuguesa.

Percebe-se, então, que havia um modelo educacional já consolidado, com práticas de ensino e metodologias desenvolvidas e aplicadas pelos jesuítas, que se tornaram, de acordo com Almeida (2018, p. 42), os “responsáveis por grande parcela do ensino escolar brasileiro.” Desde o início da colonização no século XVI. “[...] controlavam quase todo o ensino médio brasileiro”, mas com a saída deles o país ficou sem seus principais professores alfabetizadores.” Tanto o Brasil quanto a educação passaram por complexos processos e retrocessos com o ocorrido.

Isso se deu pela decisão do Marquês de Pombal de realizar a substituição e então ruptura da já consolidada educação jesuítica e sua metodologia de ensino principalmente alfabetizador, que apesar de terem pontos questionáveis, tinha em seu cerne resultados visíveis, por uma nova metodologia, que nunca conseguiu ser implementada. Essa ação desastrosa perdurou até a educação dar um novo salto. O século XIX no Brasil foi um século em que ocorreram muitas mudanças e transformações, foi quando o Estado brasileiro começou a se organizar de verdade (Silva, 2008).

Esse mesmo século assistiu ao processo de institucionalização da escola no Brasil, e ao desenvolvimento de práticas de ensino da leitura e da escrita realizadas de forma simultânea, com base em métodos de alfabetização de base alfabética e silábica (Galvão; Soares, 2004 apud Leal; Albuquerque; Morais, 2010, p. 16).

Com a proclamação da República e as mudanças sociais e econômicas acontecendo, com os avanços tecnológicos modificando a forma como as pessoas se comunicavam entre si, e com o mundo a sua volta, as práticas de leitura e escrita se tornaram cada vez mais necessárias. Novos investimentos na educação foram surgindo se fazendo urgente, e com isso a educação, e conseqüentemente a alfabetização, passou a ser vista com mais preocupação, implicando em métodos que foram se desenvolvendo no processo de ensino da leitura e escrita ao longo do tempo.

3.2 Os métodos de ensino

Segundo Silva (2012), a começar pelo acesso ainda introdutório das classes populares no espaço escolar, muitos desafios e lutas foram travadas na busca por descobrir uma forma mais assertiva ou adequada para alfabetizar, visto que o problema da leitura e escrita não é especificamente atual, há muitas décadas se vem discutindo meios para tentar ultrapassar esse paradigma que perdura até os dias de hoje, e para a autora esse tem se tornado um grande desafio a ser superado pela escola, o de tentar sanar os problemas que dificultam a aquisição da leitura e escrita pelos alunos. Soares (2008) descreve o conceito de método como a “[...]”

soma de ações baseadas em um conjunto coerente de princípios ou de hipóteses psicológicas, linguísticas, pedagógicas, que respondem a objetivos determinados” (Soares, 2008, p. 93).

Os métodos no contexto da alfabetização tinham aparentemente a função de orientar a aprendizagem inicial da leitura e escrita buscando uma melhor técnica que facilitasse e favorecesse a aprendizagem. A história dos métodos de ensino não é algo recente, pois esteve por um longo período bem presente em nosso país, fazendo parte até hoje do processo histórico da alfabetização. Nas últimas décadas do século XIX, período de consolidação do sistema educacional público, surgiu a necessidade de se “implementar um processo de escolarização” com um ensino mais voltado para o domínio pelos alunos do sistema de leitura e escrita (Soares, 2016, p. 16).

Em nosso país, a história da alfabetização tem sua face mais visível na história dos métodos de alfabetização, em torno dos quais, especialmente desde o final do século XIX, vêm-se gerando tensas disputas relacionadas com "antigas" e "novas" explicações para um mesmo problema: a dificuldade de nossas crianças em aprender a ler e a escrever, especialmente na escola pública (Mortatti, 2006, p. 1).

Para Soares (2016), antes das últimas décadas do século XIX não se tinham uma preocupação com a questão dos métodos, porque se tinha uma ideia de que aprender a ler e a escrever dependia apenas do aprender os nomes das letras, do domínio do conhecimento alfabético e da junção de consoantes e vogais formando sílabas para a formação de palavras e frases, ficando conhecido como “o método da soletração amparado pelas Cartas de ABC e silabários”. Esse tipo de aprendizagem ignorava a relação entre fonema e grafema entre a oralidade-escrita, se pautando apenas na grafia.

Só a partir do final do século XIX início do XX que começou a se ter uma preocupação maior com a questão de métodos voltados para o ensino inicial da leitura e escrita, priorizando os fonemas e grafemas, ou seja, os sons das sílabas e também das letras, dando um salto significativo do método de soletração para os métodos fônicos e silábicos mais conhecidos como sintéticos.

O método sintético considerado um dos mais antigos da história dos métodos de ensino, também um dos mais utilizados, fundamentava-se basicamente na inter-relação entre a leitura e a escrita, isto é, na relação entre ortografia e som, uma aprendizagem que partisse das unidades maiores para as menores, dos fonemas e sílabas até chegar nas frases e textos. Os métodos sintéticos que foram utilizados em cartilhas são divididos da seguinte forma: Método da soletração, que partia basicamente dos nomes das letras; método fônico, que partia dos sons das letras; e o método silábico ou da silabação, que partia das famílias silábicas.

Para Mortatti (2019), os métodos analíticos foram a grande conquista republicana, ao assumirem a diretoria da instituição pública paulista, afirmaram sérios problemas na educação, criticando os métodos existentes (sintéticos) e apenas a utilização deles para alfabetizar, iniciaram então uma disputa contra os métodos sintéticos. Começaram as mudanças trazendo com eles os métodos analíticos, que pode ser dividido em método da palavração que parte basicamente da palavra; método da sentencição, partindo da sentença ou de um grupo de sentenças; e método global, que engloba os demais métodos partindo das unidades maiores como textos, e frases, até as unidades menores, palavras, sílabas e letras. Esses textos seriam específicos para trabalhar o método, em exemplo: “Eva viu a uva” para trabalhar família silábica (va, ve, vi, vo, vu), (Soares, 2016).

Esses métodos predominaram até por volta de 1980. Em sua maioria eram voltados a repetição e memorização, não se fazia pensar e refletir sobre o que estava sendo lido e escrito, além dos poucos materiais disponíveis, ainda tinham que lidar com a má qualidade desses materiais.

Podemos entender, diante do exposto, que essas práticas tradicionais de alfabetização não preparam e não atuam na formação de alunos leitores e escritores, principalmente críticos e atuantes, mas de meros repetidores e memorizadores de conteúdo. Temos visto que mesmo em dias atuais, essa prática mecanicista é utilizada no processo de alfabetização, mesmo não levando em consideração o contexto discursivo, reflexivos, de interações reais e vivas que deveriam estar presente na relação entre leitores e textos uma vez que a língua escrita e falada é viva e precisa receber a devida atenção e importância.

Soares (2016) afirma que houve duas mudanças significativas na área da alfabetização. A primeira se deu pela ruptura dos métodos silábicos e os demais métodos, e a segunda se deu quase um século depois com a chegada do cognitivismo que compreende a epistemologia genética de Piaget se difundindo fortemente na área da alfabetização nas obras da autora Emília Ferreiro.

O novo paradigma afirma, ao contrário, a prevalência da aprendizagem sobre o ensino, deslocando o foco do professor para o aprendiz; esclarece que o processo de aprendizagem da língua escrita pela criança se dá por uma construção progressiva do princípio alfabético, do conceito de língua escrita como um sistema de representação dos sons da fala por sinais gráficos; propõe que se proporcione à criança oportunidades para que construa [...] esse conceito por meio de interação com materiais reais de leitura e de escrita (Soares, 2016, p. 21).

Para a Psicogênese da língua escrita, a criança passa por quatro fases até que seja considerada alfabetizada. Por meio de sua pesquisa, Emília Ferreiro (1999) define esses níveis como: nível pré-silábico que para a criança que está nessa fase, escrever e desenhar passam a

ter o mesmo significado, ainda não conseguem fazer a relação entre o escrito e o falado, usam rabiscos como forma básica da escrita, dificuldade em associar a imagem de algum objeto ao nome pelo tamanho); o nível silábico a criança já chega a hipótese de que a escrita representa a fala, para cada fonema irá usar uma letra, ao escrever frases poderá escrever apenas uma letra para cada palavra, a dificuldade aqui está relacionada em como ajustar a escrita a fala); já no nível silábico-alfabético a criança tem uma compreensão maior de que a escrita representa os sons da fala, já fazem o reconhecimento dos sons das letras e conseguem perceber que é necessário ter mais de uma letra para formar a maioria das sílabas; por fim, o nível alfabético, nesse nível a criança consegue compreender que a função social da escrita é a comunicação, conhece o valor sonoro de todas ou da maioria das letras do alfabeto, faz separação das palavras na construção das frases, e apresenta segurança na escrita de palavras e pequenas frases. Esses são estágios os quais a criança precisa percorrer durante o seu processo de aquisição da língua escrita.

Como afirma Soares (2016), o construtivismo veio, então, para romper com os métodos considerados por ele “tradicionais”, e traz uma nova perspectiva não de um novo método, mas sim de uma fundamentação de base mais teórica e conceitual da língua escrita dentro do processo de alfabetização.

O foco do construtivismo se dá no processo psicogenético de aprendizagem da língua escrita, o foco sai do professor e parte para uma ação educativa voltada a estímulos, acompanhamento e orientação no processo de aprendizagem do aluno, sem desprezar a heterogeneidade da sala de aula, e individualidades de cada educando, se tornando uma possível alternativa na luta contra o fracasso nas tentativas de alfabetizar. “Entretanto, nos anos iniciais do século XXI, apesar da hegemonia exercida pelo construtivismo nas duas décadas anteriores, o fracasso em alfabetização persiste [...] (SOARES, 2016, p. 23) até os dias atuais. Os métodos antes criticados, hoje se tornaram uma questão, se devem ou não serem usados.

Sabemos que a alfabetização e o letramento são complexos processos que demandam do professor alfabetizador, principalmente nos primeiros anos do Ensino Fundamental, a utilização de diferentes metodologias que envolvam diferentes áreas do conhecimento para que o aluno no processo de aquisição da leitura e da escrita consiga desenvolver bem essas habilidades, de forma ativa, crítica e criativa.

3.3 Origem do termo letramento e sua indissociabilidade da alfabetização

O termo letramento surgiu na segunda metade dos anos 80, advinda do inglês “literacy” que de acordo com Soares (1998) é o resultado das ações ou dos meios pelos quais o indivíduo mostra sua capacidade de diferentes usos da leitura e escrita em materiais diversos. É para a autora o resultado ou condição que esse sujeito assume à medida em que aprende a ler e a escrever. Sendo assim, esse termo surgiu como forma de ampliar o alfabetismo e andar lado a lado com ele, sem dissociação. “A definição de letramento é tida como condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita (Soares, 2004, p.47).

Para Soares (2004), que é considerada uma das pioneiras nos estudos acerca da alfabetização e do letramento em nosso país, esse termo surgiu em vista da necessidade de irmos mais além na busca por uma aprendizagem significativa, no sentido de que antes se tinha apenas a preocupação com a condição da pessoa analfabeta, e do grande problema que era e que é o analfabetismo ainda tão presente em nossa sociedade, mas não se tinha a preocupação com a questão do alfabetismo principalmente associado ao letramento, que fosse além do saber ler e escrever, do mecânico, da cópia, da soletração, um saber ler e escrever com consciência, que fosse capaz de gerar possibilidades de usar os conhecimentos sobre a língua para inserir-se no mundo letrado.

Em concordância com o pensamento de Freire (1989, p.9), de que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, podemos compreender a necessidade de se ter um olhar mais crítico em relação à leitura, perpassando, assim, a ideia de apenas decodificar a escrita, e passar a ter essa comunicação e compreensão de mundo em uma perspectiva social.

Sabemos que ainda há muitos desafios em relação ao processo de ensino da leitura e escrita em nosso país, mesmo apesar dos avanços em programas de aceleração da aprendizagem e de alfabetização na idade certa, temos visto que muitos alunos dos primeiros anos do ensino fundamental sentem muitas dificuldades para desenvolver essas habilidades quando já deveriam ter desenvolvido, mas lamentavelmente isso não acontece na prática, isso gera um conflito e uma disparidade gigantesca do que é e do que deveria ser, pois se a educação é um direito de todos, porque tanta resistência em fazer o que é necessário para esse direito acontecer? Esse é um dos questionamentos em forma de desafios que ainda se faz presente e que precisa ser superado, como bem expõe Ribeiro (2005) “As crianças com

dificuldades de leitura e de escrita encontram-se frequentemente em desvantagem em todas as áreas curriculares” (p. 73).

Com as exigências impostas pelos avanços e inovações que vem acontecendo nos últimos anos em um mundo que tem vivido em constante atualização, se torna necessário que os sujeitos sejam cada vez mais letrados. Temos vivenciado uma nova realidade social que tem exigido cada vez mais de além do saber ler e escrever, que se tenha domínio em seu uso para responder às questões sociais que são colocadas pela sociedade constantemente. Por isso, se faz necessário que os educadores busquem incessantemente meios e estratégias para atuar com práticas que favoreçam e facilitem o processo de aquisição da leitura e escrita dos alunos.

O letramento é uma importante ferramenta social e precisa estar atrelada a esse processo. O ato de ler e escrever precisa ter uma intencionalidade, uma reflexão na construção do que está sendo lido e escrito. O educando precisa compreender que não está apenas aprendendo a ler e a escrever, está aprendendo a ler e a pensar o mundo de forma escrita, e para que isso seja possível, é essencial a imersão dele na cultura letrada e tudo que a constitui. “Quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leitura e escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire um outro estado, uma outra condição” (Soares, 2001, p.36).

Para Leal et al. (2010, p. 18), enquanto a “alfabetização é um processo da língua escrita alfabética”, o letramento “se relaciona aos usos efetivos dessa escrita em atividades de leitura e escrita de textos em contextos diversos”, ou seja, a alfabetização não pode ser separada do letramento, pois, é nessa parceria, por meio das práticas de alfabetização e letramento, que o aluno passa a ser considerado não apenas alfabetizado, mas letrado.

Podemos entender que tanto a leitura quanto a escrita são muito importantes, pois trazem impactos consideráveis tanto cognitivos, linguísticos, quanto sociais, culturais e políticos para os sujeitos que são inseridos e que aprendem seu uso. Para Kleiman (2005), o letramento não se trata apenas dos usos da língua escrita no contexto escolar, mas sim, do seu uso em todo e qualquer lugar que contenha a escrita e que esteja presente no nosso cotidiano, como as descrições que observamos em pontos de ônibus e em comércios no geral, impactando no uso efetivo em contextos diversos.

O Letrar vai além do alfabetizar, é a leitura e escrita gerando significados diversos e diferentes sentidos no contexto ao qual o aluno está inserido e vivencia constantemente novas experiências e novas descobertas.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Buscando atender aos objetivos propostos para esse trabalho, o trabalho trata-se de um relato de experiência que pode ser definido como uma narração mais minuciosa de fatos vivenciados e experienciados pelo relatante no campo em que atuou e realizou as devidas observações, reflexões e intervenções.

Este RE faz menção e traz a importância das experiências vivenciadas durante a atuação interventiva e as práticas pedagógicas que desenvolvemos no processo de alfabetização e letramento de alunos no Programa de Residência Pedagógica da Capes em conjunto com a Universidade Estadual da Paraíba. Para Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência se trata de:

[...] um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica. (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p.65).

Ainda de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiência enquanto um modelo de escrita acadêmica, contém registros das vivências que são frutos de pesquisas, ensino, projetos/programas universitários etc.

O RE não traz apenas a narração dessas vivências que são denominadas de vivências próximas, pelo grau de proximidade entre o relatante e o objeto em estudo, traz, também, uma “valorização para o campo acadêmico-científico” por meio de uma abordagem crítica e reflexiva de pesquisa com base em aporte teórico-metodológico denominado de “experiência distante” realizado de forma objetiva e contextualizada, com aporte teórico que fundamentam essas experiências (p. 65).

Buscamos, com esse relato de experiência, trazer contribuições para o meio acadêmico enquanto ainda estudantes de graduação e participantes da Residência Pedagógica, com as vivências que tivemos e que foram ricas e fundamentais para o nosso processo de formação profissional e humano, inspirando também futuros educadores em suas práticas.

O relato em questão traz uma abordagem qualitativa de base descritiva e exploratória, fundamentadas nas observações que podemos considerar como parte essencial dessa pesquisa, visto que, enquanto pesquisadores, estamos em contato direto com o campo da pesquisa e o objeto a ser pesquisado. A coleta de dados foi realizada através das observações e registros das práticas que desenvolvemos, da revisão bibliográfica com base em Soares (2016); Ramos

(2010); Ferreiro (1999); Vóvio *et al.* (2010); Leal *et al.* (2010) entre outros autores, realizando reflexões acerca das experiências vividas nos encontros.

As atividades foram realizadas utilizando-se de várias estratégias. Buscamos trabalhar com eles atividades como: ditado recortado, leitura de parlenda e outros gêneros textuais, alfabeto móvel, reconhecimento e associação das sílabas e palavras com suas respectivas imagens, teatrinhos, contação de histórias, entre outras atividades, inserindo-os nas práticas sociais e culturais por intermédio de atividades lúdicas, mas com grandes significados, com a intenção mesmo de levar esses alunos a se perceberem sujeitos sociais, que se permitam viver em espaços de cultura letrada e que se permitam levar para seus próprios espaços de cultura as práticas de escritas alfabéticas.

Conforme Godoy (1995), o foco fundamental da pesquisa qualitativa é o estudo e a análise do mundo empírico (dos fatos que se apoiam apenas em experiências reais, ou seja, vividas) no ambiente natural, ou seja, no ambiente físico ou social. Nesta abordagem, valoriza-se o contato direto e de longo prazo entre o pesquisador e o ambiente e situação estudada.

Este relato deu-se em razão do Programa de Residência Pedagógica (PRP) no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/Campus I) e tem como principal objetivo descrever os resultados dos processos de alfabetização e letramento em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rivanildo Sandro Arcoverde na cidade de Campina Grande - PB. O PRP teve início em Outubro de 2023 e tem duração de 18 (dezoito) meses.

Para a orientação das práticas alfabetizadoras no processo de intervenção com os alunos, foram extremamente necessários os encontros de formação, as aulas de formação/capacitação que aconteceram via *Meet*, os encontros para os planejamentos semanais, que ocorreram presencialmente e de forma remota pela plataforma *Meet* para posterior regência.

Nos encontros presenciais de planejamentos, além de planejarmos as atividades a serem realizadas, também confeccionamos materiais manipuláveis para facilitar a aprendizagem e também torná-la divertida. E a regência, que ocorreu após as observações e diagnóstico de aprendizagem que realizamos a fim de identificar os níveis de aprendizagem para que pudessemos pensar em estratégias que buscassem facilitar o processo de aquisição da leitura e escrita.

As intervenções e regências das atividades que realizamos em campo nos permitiram fazer a junção dos conhecimentos teóricos obtidos durante as aulas na universidade e

encontros de formação com os conhecimentos práticos na escola-campo durante as vivências e intervenções realizadas. Por ser uma turma de 1º ano do ensino Fundamental I com idade entre 6 e 7 anos, o que se espera é que estes alunos possam sair ao final do ano letivo alfabetizados e letrados, sabendo ler, escrever e compreender o que está sendo lido e escrito. Desta forma, todos os esforços foram direcionados para tais objetivos.

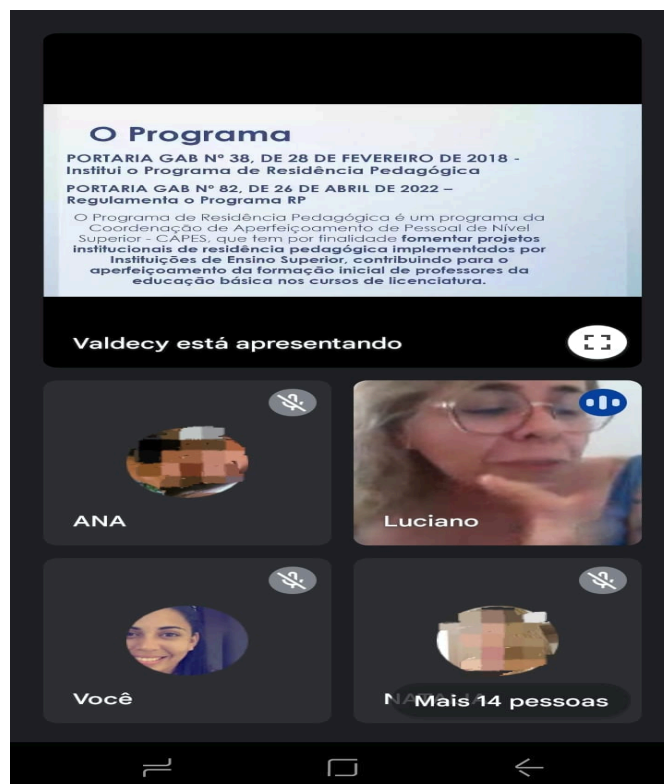
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Formação e Planejamento

Para a orientação das práticas alfabetizadoras no processo de intervenção na escola Rivanildo Sandro Arcoverde, foram necessários os encontros de formação através das palestras e materiais de leitura para nos aprofundarmos sobre a temática que constitui esse relato, buscando, a partir daí, desenvolver nossas ações pedagógicas. A formação/capacitação aconteciam via meet.

O primeiro encontro de formação (23/11/22) aconteceu via Meet, as discussões foram realizadas pela palestrante Dra. Valdecy Margarida sobre o PRP e sua importância para os futuros profissionais da educação, como a imersão no ambiente escolar, observando a organização e funcionamento, assim como a experiência da vivência e da prática que iríamos desenvolver no ambiente escolar ao qual seríamos destinados.

Figura 1: Encontro de Formação com a Dr^a Valdecy Margarida



Fonte: Arquivo pessoal - Encontro de Formação

No segundo encontro de capacitação (25/03/23), o convidado foi o Professor Diego de Lima Santos Silva que nos trouxe muitos apontamentos acerca da alfabetização e do letramento, (tema central do Programa de Residência Pedagógica) e da grande defasagem da aprendizagem no Brasil trazendo dados e reflexões a respeito.

O mesmo ainda expôs sobre o PRP nos levar a experimentar a prática enquanto ainda estudantes e da sala de aula como espaço integralizador, além de que devemos pensar em formas de alfabetizar e letrar que vá além da codificação e decodificação, do ler e escrever, uma alfabetização e letramento que ensine a ler o mundo, significando e ressignificando o ensino aprendizagem, trazendo Magda Soares que é um dos maiores nomes do campo da alfabetização e do letramento para fundamentar sua fala, a mesma defende a prática do alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, mas precisa fazer sentido e ser levado para a vida do educando, necessita ser interdisciplinar, com atividades que passem mensagens e sentimentos.

Já no último encontro que tivemos do módulo I (01/04/23), o Prof. Valdeir levantou debates sobre alguns assuntos referentes à temática: “Gestão escolar frente a BNCC: desafios e possibilidades”, que ocasionou em uma conversa inicial sobre gestão escolar e o papel do gestor, colocando também que apesar de os gestores geralmente serem pessoas mais velhas, um público de gestores mais jovens teriam muito a agregar no papel de gestores, principalmente trazendo inovações como a utilização mais efetiva de diferentes meios tecnológicos, também argumentou sobre a necessidade de compreender cada um dos níveis da gestão escolar para trazer mais eficiência e eficácia para a educação, o professor Valdeir ainda citou o autor Libâneo e o papel de cada um de nós, da nossa atuação e do nosso lugar de fala e de ação.

Discorrendo e fazendo apontamentos sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Gestão Escolar (tema central de sua palestra) fazendo uso de teóricos para embasar sua fala sobre a urgência de gerar condições para a permanência dos estudantes na escola, evitando assim o fracasso escolar, criando um currículo com a participação de todos voltados para a realidade deles, e do papel do gestor como alguém que deve possibilitar e garantir que haja a participação ativa da comunidade, dando abertura as falas de todos para a construção de um currículo democrático.

Figura 2: Encontro de Formação com o Mestrando Valdeir Silva



Fonte: Arquivo pessoal - Encontro de Formação

Buscamos, sobretudo, primeiramente a promoção da nossa práxis educativa embasadas nos conhecimentos e leituras que vínhamos tendo na universidade ao longo do nosso processo de formação, sendo complementados pelos encontros de formações citados anteriormente, para vivenciarmos a regência posteriormente.

Os encontros para os planejamentos semanais ocorriam presencialmente e às vezes de forma remota pela plataforma *Meet* para posterior regência. Durante as reuniões de planejamento foram abordados assuntos referentes ao alinhamento dos conteúdos a serem trabalhados com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Analisamos, também, as Diretrizes estabelecidas pela Secretaria de Educação (SEDUC) a partir dos temas geradores enviados por bimestre para todas as unidades de ensino; discutimos sobre o acompanhamento e avaliação das atividades que a serem desenvolvidas; definimos os conteúdos a serem trabalhados durante a semana, dividimos os dias e as tarefas que cada grupo iriam desenvolver

em sala, participamos, além disso, de mostras pedagógicas, eventos e outras atividades pertinentes ao espaço educativo.

Nos planejamentos desenvolvemos, juntamente com a preceptora, planos de ações pedagógicas que alcançassem a realidade dos alunos, com base em textos, pesquisas de atividades e produção de materiais concretos para que ficasse o mais real possível para eles. De acordo com Libâneo, o planejamento é “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e o papel do gestor como alguém que deve possibilitar e garantir que haja a problemática do contexto social” (Libâneo, 1994, p.222).

Em virtude da Residência Pedagógica estar voltada a contribuir na alfabetização e letramento, e por estarmos em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, buscamos atuar junto aos alunos com atividades que trabalham a consciência fonológica e silábica, o conhecimento do alfabeto e vogais, leitura e Interpretação, escrita espontânea com atividades dinâmicas realizadas de forma individual e coletiva.

Dentre elas, estão: ditado recortado, material concreto como jogos pedagógicos, alfabeto móvel, material dourado, livros de literatura, leitura de parlenda e outros gêneros textuais, reconhecimento e associação das sílabas e palavras com suas respectivas imagens, teatrinhos, contação de histórias, entre outras atividades, inserindo-os nas práticas sociais e culturais por intermédio de atividades lúdicas, mas com grandes significados, com a intenção mesmo de levar esses alunos a se perceberem sujeitos sociais, que se permitam viver em espaços de cultura letrada e que se permitam levar para seus próprios espaços de cultura as práticas de escritas alfabéticas. Temos visto avanços consideráveis nas aprendizagens por parte dos alunos e tudo isso tem sido muito recompensador.

Figura 3: Encontro de planejamento



Fonte: arquivo pessoal – planejamento com a preceptora e residentes

5.2 Regência na escola campo da pesquisa

Sabemos da importância das interações nos espaços sociais, familiar e escolar no processo de ensino/aprendizagem de crianças, pois, de acordo com Zapelini, Schlickmann, e Hubbe (2015), desde os primeiros anos de vida da criança a comunicação e os mais variados textos escritos se faz presente nos espaços em que está inserida. Por isso, se faz necessário “no espaço educativo [...] desenvolver, de forma sistematizada, as quatro habilidades linguísticas básicas: falar e ouvir, ler e escrever” (Zapelini; Schlickmann; Hubbe, 2015, p. 82).

Em face do exposto, percebemos o quanto é importante que a escola e os educadores apresentem ações e práticas educacionais que estejam associadas a realidade dos alunos, que esse ensino vá além do codificar e decodificar, do ler e escrever, que atue na busca por sentido do que é lido e escrito, fugindo do tradicional e partindo para o lado criativo, vivo e estimulante das aprendizagens.

Desse modo, após o planejamento que realizamos junto a preceptora, demos início a regência. Durante o nosso percurso no Programa da Residência Pedagógica passamos por três fases cruciais: a formação, o planejamento e a regência, que resultaram no relato de experiência em questão se dando exatamente com base em algumas dessas vivências que citamos a seguir. Em fevereiro de 2023 iniciou-se o ano letivo e com ele iniciamos a nossa prática, após as observações e diagnóstico de aprendizagem que realizamos a fim de identificar os níveis de aprendizagem, e as principais dificuldades dos alunos, buscamos por trabalhar com eles diferentes metodologias e estratégias para facilitar o processo de aquisição da leitura e escrita.

Começamos a regência realizando a dinâmica da teia da amizade com a apresentação individual de cada aluno e ao final socializamos com a importância de estarmos juntos nessa nova rotina deles, saindo da educação infantil, iniciando um novo ciclo no ensino fundamental.

Após esse momento de interação e socialização, demos início às intervenções com a atividade lúdica “ditado das vogais”, utilizamos bexigas presas a lousa contendo as vogais dentro de cada uma delas, a fim de que ao estourar os balões, os alunos tentassem identificar as vogais contidas ali, e em seguida, citar palavras iniciadas por essas vogais, com essa

atividade buscamos facilitar a compreensão a respeito das vogais e ampliar assim o vocabulário de palavras deles.

Para Zapelini, Schlickmann e Hubbe (2015), quando a escola oportuniza o contato direto do aluno com atividades que envolvam os mais diversos materiais concretos, ela também facilita sua compreensão da linguagem falada e escrita “fazendo sentido enquanto trabalho simbólico” (p. 51). Entendemos que um dos fatores que dificultam a aprendizagem da leitura e escrita é o não reconhecimento ou o pouco conhecimento que se tem das letras do alfabeto. Por isso, a importância de proporcionar inicialmente esse contato deles com atividades que envolvam materiais concretos explorando o conhecimento das letras do alfabeto: vogais e consoantes.

Figura 4 : Atividade ditado das vogais



Fonte: Arquivo Pessoal

A escrita do nome próprio é uma importante conquista para a criança que está em processo de alfabetização. A partir dessa referência estável ela pode pensar mais sobre como a escrita funciona (Cortez; Tonello, 2001, p. 10).

O nome próprio é parte da identidade da criança, é como ela se percebe, se reconhece, e a escrita do seu nome pode ser considerada uma de suas primeiras conquistas no campo da leitura e escrita. Podem ser considerados texto de fácil acesso e compreensão para o aluno, além de serem cheios de significados inserindo-os em múltiplas práticas de leitura, permitindo sua imersão em culturas letradas e instigando-as a pensar e refletir como ocorre o sistema de escrita alfabético.

Diante disso, confeccionamos crachás para que eles próprios escrevessem seus nomes e com isso tivemos a oportunidade de observar os alunos que já possuíam mais autonomia na escrita do nome e os que ainda possuíam dificuldades.

Buscamos trabalhar a temática sobre a identidade da criança e seu pertencimento. Iniciamos com a leitura do poema de Toquinho “Gente tem sobrenome”, a leitura se deu de

forma coletiva com nosso auxílio e mediação, realizamos alguns questionamentos como “Você tem sobrenome? Qual seu sobrenome?” entre outros questionamentos que foram sendo respondidos por eles com muito entusiasmo. Em seguida responderam à atividade de português impressa em folha A4 que propomos para escrita do nome próprio, reconhecimento de suas letras iniciais e finais e a quantidade de letras que possui. Também foi feito com eles uma “Carteira de identidade fake” para conhecerem e entenderem sobre a importância desse documento que assegura e afirmar nossa identidade enquanto cidadãos, ampliando dessa forma os conhecimentos sobre si e sobre o outro, se percebendo como seres únicos e importantes. Solicitamos que fizessem o preenchimento das informações tal qual de uma identidade real, preenchimento do nome, fichar com o dedão e desenhar o próprio rostinho.

Figura 5: Identidade da criança e seu pertencimento



Fonte: Arquivo Pessoal

Trabalhamos, também, a temática da amizade para que refletissem sobre o valor da amizade, do acolhimento e do respeito às diferenças, com uma contação da história “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha (2009), que ocorreu no pátio da escola com a turminha. Nos vestimos com as fantasias dos personagens principais da história e realizamos uma contação divertida, proporcionando a eles reflexão, inspiração e muita imaginação. Para contextualizar, realizamos uma atividade com eles da escrita de um bilhete em formato de coração para o seu melhor amigo, ao final, transformamos os bilhetes em uma linda árvore da amizade e deixamos exposta na sala.

Figura 6: Contação da história “Romeu e Julieta”



Figura 7: Confeção da árvore da amizade

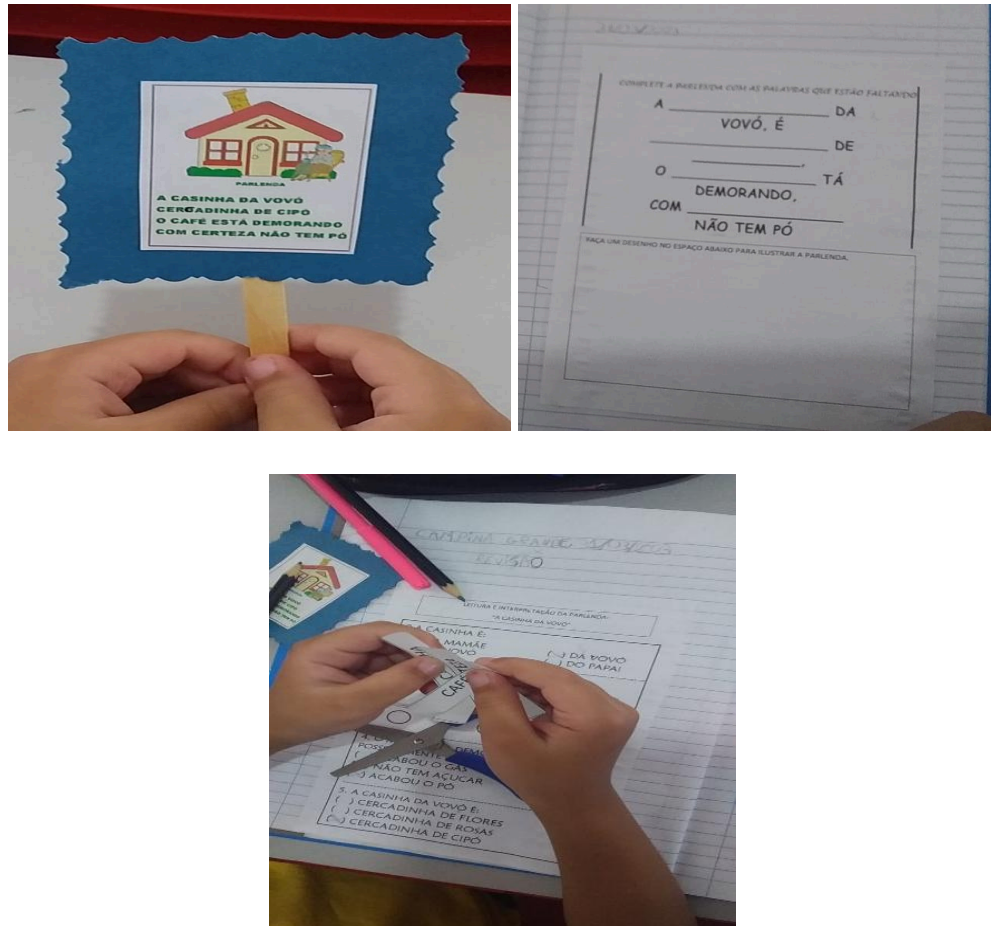


Fonte: Arquivo Pessoal

Apresentamos à turma o gênero textual "Parlenda" muito importante para o desenvolvimento da consciência fonológica, essencial para a aprendizagem deles pois, induz os sons da fala, fazendo com que se tenha discernimento de que algumas palavras podem ser iniciadas ou serem terminadas com o mesmo som e que podem ou não rimar. Com a parlenda "A casinha da vovó", explicamos primeiramente o que é a parlenda, quais suas características, em seguida realizamos a leitura. Após a leitura coletiva, buscamos trabalhar a família silábica da letra “C”, mediando os alunos a identificarem na parlenda as palavras iniciadas em Ca, Ce, Ci, Co, Cu, encontrando-as, pintaram para destacar. Além disso, realizaram a colagem da

atividade impressa de texto fatiado da parlenda no caderno, fazendo a leitura e identificando as partes recortadas que completam a atividade.

Figura 8: Leitura da parlenda "A casinha da vovó", trabalhando a família silábica do "C" e ditado recortado.



Fonte: Arquivo Pessoal

Acreditamos na importância de se trabalhar o “ditado recortado” principalmente para verificação do nível de leitura e escrita dos alunos, em que se trabalha a ortografia, memorização e atenção, além do recorte e colagem. Essa é uma atividade também de alfabetização, que objetivamos com ela que os alunos pudessem memorizá-la e assim iniciar aos poucos no reconhecimento das palavras, e na adequação do oral com o escrito, pois é uma atividade de consciência fonológica, leitura e escrita que vai abrindo caminhos para o desenvolvimento deles no decorrer do processo de aprendizagem.

Trabalhamos com eles as partes do corpo, com explicações sobre os membros superiores e inferiores e as partes que compõem cada uma. Após isso, demos um exemplo concreto para contextualizar, desenhamos a curvatura corporal de um dos alunos em uma cartolina e juntos escrevemos na curvatura os nomes de cada parte do corpo. Uma atividade

impresa também foi realizada por eles para fixação do conteúdo visto de leitura e escrita das partes que compõem o corpo humano.

Figura 9: Partes do corpo, membros superiores e inferiores, curvatura corporal de um dos alunos.



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro gênero textual que apresentamos aos alunos foi o “Poema” que contribuiu muitíssimo para o processo de aquisição da leitura e escrita na alfabetização além de possibilitar que as crianças criem múltiplas interpretações, reflexões e sensibilidade, pois a criança aprende a escutar, interpretar o que está sendo lido, a declamar, também aumenta nela a percepção da realidade, enriquecendo a linguagem. Com base nisso, trabalhamos o poema de Vinicius de Moraes “A foca”, a letra do poema foi escrita no quadro e realizamos com a turma uma leitura compartilhada, em seguida pedimos para que circulassem as palavras finais do poema que rimassem uma com a outra, trabalhamos também o animal foca e suas características, aproveitamos a leitura do poema para trabalharmos a família silábica da letra “F”, com as palavras que iniciavam com *Fa, Fe, Fi, Fo, Fu*.

Trabalhamos com eles o dia dos povos indígenas com uma contação de história por nome “Aquitã, o indiozinho”, narrando as aventuras de um indiozinho valente, que apesar de ser muito pequeno não tinha medo do perigo, e usava da esperteza que tinha para vencer todos

os desafios que surgiam em seu caminho, e depois problematizamos com eles mediante questionamentos, trouxemos imagens de instrumentos musicais indígenas para eles conhecerem, como o reco reco, agogô, maracá, flauta, e chocalho, realizamos uma colagem coletiva dos nomes dos instrumentos nas respectivas imagens em cartolina postas no quadro. Realizamos também a confecção de uma peteca artesanal com os alunos, utilizando sacolas plásticas, folhas de papel e barbante para que levassem para casa.

Desenvolvemos junto à preceptora e aos alunos um projeto por tema “alimentação saudável” com base na literatura “a cesta de dona maricota” da autora Tatiana Belinky. A leitura da literatura proporcionou momentos de reflexão sobre o tema em questão, desenvolvendo nos alunos um pensamento crítico e estimulando sua criatividade.

Todo o projeto foi realizado com a turma de forma interdisciplinar, envolvendo diferentes áreas do conhecimento, com gráficos das frutas preferidas dos alunos, contação, criação de cestinhas de frutas trabalhando os tipos das frutas, características, texturas, confeccionamos uma pirâmide alimentar utilizando massa de modelar que eles próprios utilizaram para a confecção dos alimentos, a intenção era de mostrar como são divididos os grupos dos alimentos e quais os alimentos saudáveis e não saudáveis, tornando o conhecimento mais acessível e palpável etc.

Figura 10: Projeto “Alimentação saudável”



Fonte: Arquivo Pessoal

Ainda dentro do projeto, realizamos uma salada de frutas coletiva em que todos contribuíram trazendo frutinhas de casa, e também participando ativamente na preparação da salada em sala de aula com nossa mediação e da preceptora. É por intermédio dessas diferentes abordagens que as habilidades de criatividade, observação e integração são desenvolvidas, as atividades foram aplicadas de forma coletiva e individual com a participação ativa de todos.

Em alusão às festividades juninas, confeccionamos um livreto com os registros das atividades realizadas pelos alunos e participação ativa deles que exploraram a valorização da cultura junina local, com danças, confecção de bandeirolas, músicas e artistas locais como Flávio José, Luíz Gonzaga e Jackson do pandeiro, tivemos também um momento de degustação de comidas típicas, além disso, trabalhamos com consciência fonológica, leitura e interpretação, contagem, sequência numérica e escrita espontânea.

Figura 11: confecção de um livreto com atividades realizadas referentes às festividades juninas



Fonte: Arquivo Pessoal

Trabalhamos com as crianças matemática básica, de adições simples, com contagem de balões, flores, cupcakes em atividade impressa e com o uso de tampinhas de garrafas e material dourado como materiais concretos para facilitar na hora de somar as quantidades e poderem compreender melhor a junção dos valores e seus resultados. Foi incentivado, também, a escrita dos números em dígitos e em letras, para irem treinando a escrita numérica e conseqüentemente influenciando no processo de alfabetização, assim como do letramento matemático deles.

Confeccionamos um recurso didático denominado “Sorveteria da adição”, que é uma atividade lúdica para aprender brincando. Cada aluno escolheu uma casquinha de sorvete

contendo as operações de adição e fizeram a soma dos valores, depois que disseram os resultados, foram procurá-los entre os que estavam colados no quadro em forma de bolas de sorvetes, ao identificar, uniram as duas partes, somas e resultados.

Figura 12: Atividade lúdica “Sorveteria da adição”



Fonte: Arquivo Pessoal

Outro motivo para a introdução de jogos nas aulas de matemática é a possibilidade de diminuir bloqueios apresentados por muitos de nossos alunos que temem a matemática e sentem-se incapacitados para aprendê-la. Dentro da situação de jogo, onde é impossível uma atitude passiva e a motivação é grande, notamos que, ao mesmo tempo em que estes alunos falam matemática, apresentam também um melhor desempenho e atitudes positivas frente a seus processos de aprendizagem (GROENWALD, 07/2008).

Sabemos que o conteúdo matemático associado ao lúdico facilita muito a compreensão e melhoria no processo de ensino/aprendizagem dos alunos, além de se tornar atrativa, se torna também estimulante para eles. O letramento matemático consta também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma de suas diretrizes, e tem a função de promover uma compreensão mais ampla do processo de ensino e aprendizagem matemática, permitindo que o educando entenda de forma aplicada, clara e prática na realidade deles.

Realizamos a leitura da literatura “Um mundinho para todos”, um mundinho em que todos são diferentes e todos vivem em harmonia e respeito, visando trabalhar com eles o

respeito às diferenças, após isso, fizemos a socialização com problematização da historinha contada trazendo para a realidade deles, fazendo-os refletir com questões que levantamos acerca da importância de respeitar as diferenças em si mesmos e nos outros, mostrando que ser diferente é bom e necessário. Depois, desenharam a si mesmos em papéis, pintaram e com os desenhos montamos um cartaz e deixamos exposto na sala de aula.

Trabalhamos também noções matemáticas de adição na forma horizontal e vertical em atividade impressa com a utilização dos dedos e de tampinhas de garrafas pets, facilitando assim a contagem. Em seguida, apresentamos a eles os encontros vocálicos, e ensinamos que são compostos pela junção de duas vogais para formar as palavras, logo realizaram uma atividade em que tinham que escrever a junção das vogais e formar as palavras, também fizeram a ligação das letras iniciais dos encontros vocálicos as palavras, treinaram também a escrita do nome próprio em letra cursiva.

Todas as atividades que realizamos durante o período de regência no Programa de Residência Pedagógica foram pautadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para alfabetização e letramento, e nos eixos temáticos disponibilizados pela Secretaria de Educação. Iniciamos a regência e as intervenções fazendo um diagnóstico com a turma para identificar o nível em que estavam na leitura e escrita, a princípio, a maioria dos alunos não demonstraram possuir habilidades de leitura e poucas habilidades na escrita também.

A cada final de bimestre recebíamos da preceptora planilhas de níveis dos alunos e por meio dessas planilhas conseguimos perceber a evolução deles tanto na leitura quanto na escrita, após nossas intervenções e mediação da preceptora foi perceptível o salto na aprendizagem deles.

As aulas eram dinâmicas e ricas em conhecimentos, organizamos a sala todas as vezes que trazíamos atividades diferentes, tornando o ambiente mais aconchegante, acolhedor, colorido e lúdico, fazendo com que eles interagissem bastante durante as atividades e aprendessem de forma leve.

A cada novo planejamento, víamos uma nova oportunidade de fazer a diferença na vida dos nossos pequenos que aguardavam ansiosamente pela próxima atividade em que iriam conhecer novas histórias, novos personagens, novas parlendas, literaturas, poemas e muito mais, atividades que não só ensinavam a desenvolver suas habilidades, mas também tinha a função de ensinar sobre as diferentes formas de sentir e ler o mundo, de ver as coisas e lidar com diferentes situações, ensinando a questionar, refletir e principalmente a respeitar uns aos outros.

Ter essa experiência prática enquanto estudantes de graduação tornou-se para nós uma experiência gratificante e única, estar a frente de uma sala de aula contribuindo na aprendizagem dos alunos, vendo na prática suas dificuldades e buscar meios para tentar saná-las, bem como contemplar os resultados positivos do nosso trabalho, é muito significativo para a nossa formação. Foi muito gratificante e prazeroso vivenciar esta experiência tão enriquecedora para a minha formação profissional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos, diante das vivências e experiências anteriormente relatadas, o quanto o subprojeto de Residência Pedagógica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) contribuiu de forma significativa tanto para nossa formação, quanto para a escola a qual atuamos e desenvolvemos nossa prática de intervenção.

Ao encerrar este relato de experiência sobre os processos de alfabetização e letramento na Escola Rivanildo Sandro Arcoverde, é possível vislumbrar uma jornada marcada por desafios, reflexões e conquistas. A sala de aula se revelou um laboratório educacional pulsante, onde residentes, preceptores e alunos se entrelaçam na busca pelo saber verdadeiro, reflexivo e estimulante de novas aprendizagens, dando cada um o seu melhor.

A Residência Pedagógica emergiu como um catalisador dessa experiência, proporcionando uma imersão profunda nas dinâmicas cotidianas das salas de aula. A observação direta que realizamos das estratégias pedagógicas utilizadas pela preceptora e o diálogo constante entre teoria e prática que fazíamos, revelaram-se fundamentais para compreender as nuances do processo de ensino-aprendizagem.

A interação ativa com os educadores, alunos e a comunidade escolar permitiu identificar não apenas os desafios, mas também os recursos e potencialidades latentes. A diversidade presente nas salas de aula evidenciou a importância da personalização do ensino, reconhecendo que cada aluno traz consigo uma história única, demandando abordagens adaptativas e inclusivas.

A articulação entre alfabetização e letramento revelou-se como uma trilha sinuosa, exigindo uma combinação equilibrada de métodos tradicionais e inovadores. A compreensão de que a alfabetização não é um ponto final, mas sim um ponto de partida para o letramento crítico, situou-se como uma premissa essencial na construção de uma base sólida para a educação integral dos alunos.

Assim, ao descrevermos as experiências que vivenciamos na Escola Rivanildo, percebemos que a educação é um processo em constante evolução, moldado pela resiliência, criatividade e comprometimento dos educadores e aprendizes. Este relato não é apenas um registro de momentos passados, mas uma inspiração para um futuro educacional promissor, onde a busca pelo conhecimento se entrelaça com a construção de cidadãos críticos, participativos e preparados para os desafios do século XXI.

Que este relato seja, portanto, um convite à reflexão e à ação, impulsionando a educação na escola em questão e para além dela, rumo a horizontes cada vez mais iluminados pelo saber e pela transformação que só o conhecimento verdadeiro pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vasni de. **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história**. Palmas: EDUFT, 2018. v. 1. 391 p.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica, 2018. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>. Acesso em: 11 set. 2023.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei Federal nº 9.394/1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 28 ago. 2023.

BRASIL. **Ministério da Educação e da Cultura**. Portaria nº 1.570, de 20 de dezembro de 2017. Homologa o Parecer CNE/CP nº 15/2017. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 146, 21 dez. 2017b. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2017-pdf/78631-pcp015-17-pdf/file>. Acesso em: 11 fev. 2023.

CORTEZ, CLÉLIA; TONELLO, MILAN. **Escrita do nome próprio, um passaporte para o mundo alfabético** - seqüência de atividades a partir da lista de nomes da sala. São Paulo: Revista Avisa lá, 2001.

FARIA, J. B.; DINIZ-PEREIRA, J. E. **Residência pedagógica: afinal, o que é isso?** Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 28, n. 68, p. 333-56, 2019.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. v. 2.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de Ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

FREITAS, Mônica Cavalcante de; FREITAS, Bruno Miranda; ALMEIDA, Danusa Mendes. **Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente**. Fortaleza: Ensino em Perspectivas, v. 1, n. 2, pp. 1-12, 2020.

GODOY, A. S. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais**. São Paulo: Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, pp. 20-29, 1995.

GROENWALD, C. L. O. TIMM, U. T. **Utilizando curiosidades e jogos matemáticos em sala de aula.** Rio Grande do Sul: Trabalho acadêmico, 2002. Disponível em: Acesso em: 15 jun. 2023.

KLEIMAN, A. **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; MORAIS, Artur Gomes de. **Alfabetizar letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. - (Coleção Estudos em EJA).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa.** 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. p. 175.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico.** Vitória da Conquista: Práxis Educacional, v. 17, n. 48, pp. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 9 out. 2023.

OLIVEIRA, Paulo de. **História da educação no Brasil período jesuítico.** 2005. Monografia (Especialização em Docência do Ensino Superior) - Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** Catalão-GO: Revista Poiesis, v. 3, n. 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006. Disponível em: http://www.cead.ufla.br/portal/wpcontent/uploads/2013/10/Arquivo_referente_ao_Anexo_V_do_Edital_CEAD_06_2013.pdf. Acesso em: 29 ago. 2023.

RAMOS, Fábio Pestana. **História do Analfabetismo no Brasil.** [S. l.]: Para entender a história... Ano 1, v. 10, Série 13/12, 2010, pp. 01-16. Disponível em: Acesso em 14 de setembro de 2023.

SILVA, Valdecy Margarida da. **Alfabetização e letramento: contribuições à formação de professores alfabetizadores da educação de jovens e adultos.** 2012. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVESTRE, M. A.; VALENTE, W. R. **Professores em Residência Pedagógica: Estágio para ensinar Matemática.** Petrópolis: Vozes, 2014.

SOARES, M. **Letramento, um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, M. B. **Letramento: um tema em três gêneros.** Autêntica, Belo Horizonte: 2001.

VÓVIO, Cláudia; SITO, Luanda; GRANDE, Paula de. **Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada.** Campinas: Mercado das Letras, 2010. 351p.]

ZAPELINI, Clésia da Silva Mendes; SCHLICKMANN, Maria Sirlene Pereira; HUBBE, Rosandra Schlickmann Sachetti. **Língua e suas variações**: livro didático. Palhoça: Unisul Virtual, 2015.